

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA
19 de Março de 2024

DIALOGUES D'EXILÉS / 1975

Um filme de Raúl Ruiz

Realização e Argumento: Raúl Ruiz / Direcção de Fotografia: Gilberto Azevedo / Som: Alix Comte / Montagem: Valerio Sarmiento / Interpretação: Luis Poirot (Luis), Alfonso Varela (Varela), Sergio Hernandez (o cantor raptado), Enrique Urteaga, Daniel Gélin, Françoise Arnoul, Huguette Faget, Edgardo Cozarinsky, Valeria Sarmiento, etc.

Produção: Capital Films / Produtora: Valeria Sarmiento / Cópia digital, colorida, falada em espanhol e francês com legendagem electrónica em português / Duração: 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

*J'ai voulu le faire pour, et il est sorti contre
(Quis fazê-lo a favor, mas saiu contra)*

- Raúl Ruiz

Diz-se algures em **Dialogues d'Exilés** algo como: “no exílio, a dissensão é uma traição”. Raúl Ruiz, que aqui fazia o seu primeiro filme no exílio parisiense, sobre, e com, uma comunidade de outros refugiados do pinochetismo (mais alguns convidados franceses célebres, com Daniel Gélin e Françoise Arnoul, e pelo menos um argentino, Edgardo Cozarinsky), acabou por ter que experimentar essa confusão entre dissensão e traição. Não se viu nestes **Dialogues** um retrato caloroso dos exilados chilenos em Paris, Ruiz foi muito criticado pelo que era aparentemente uma brecha aberta no dever de solidariedade para com a situação deles todos (incluindo ele próprio, Ruiz). Foi então, em resposta a isso, que lhe saiu a frase, meio apologética meio reivindicativa, que pusemos em epígrafe – até queria fazer “a favor”, mas saiu “contra”.

Ou “do contra”, dizemos nós, mais por uma questão de feitio (e de sentido de humor) do que por alguma vontade de hostilizar os seus parceiros de infortúnio, ou de ilegitimar a própria ideia do exílio político. **Dialogues d'Exilés** é um filme que não pinta a comunidade exilada 100% de acordo com o sentido de martírio, ou de heroísmo, que ela se auto-atribui, um filme que procura um certo recuo para uma posição de uma “neutralidade” quase antropológica, e que portanto é menos um hino à resistência do que uma crítica, suave e cómica (mas de um humor que nunca é escarninho), ao comportamento e à atitude dos exilados (seria interessante, aliás, aproximar este filme de outro estreado pouco tempo mais tarde, o **Les Routes du Sud** de Joseph Losey, onde o argumento de Jorge Semprún é uma reflexão severa sobre a mentalidade dos exilados políticos espanhóis no momento em que, com a morte de Franco, desapareceu a razão do seu exílio). Mas, isto dito: **Dialogues d'Exilés**, para além de umas navalhadinhas no exacerbado orgulho próprio dos seus exilados (onde se inclui, é preciso insistir, o próprio Ruiz), não lhes rouba nada, não os diminui nem os apequena, muito menos ataca a ideia a legitimidade do exílio.

Até porque, através de tudo o que faz sorrir no filme (alguns diálogos, algumas situações), **Dialogues d'Exilés** não deixa de falar sobre a tragédia subjacente ao exílio político. Remove-lhe, simplesmente, os contornos épicos ou pretensamente heróicos, para a dar como uma tragédia corriqueira, uma tragédia da banalidade, uma tragédia, até certo ponto, da impotência. As cenas, sempre em apartamentos cheios de gente (está-se quase sempre em interiores, e em interiores a abarrotar) em que os exilados procuram sítios que os possam albergar, momentos em que, de resto, a crítica se torna extensível ao país de acolhimento e a todos os franceses que aparecem no filme com muitas palavras de encorajamento mas relativamente pouca disponibilidade para uma ajuda realmente prática e efectiva. Ou o momento em que na cabeça do exilado surge a noção de que o exílio não é uma profissão, e que é preciso encontrar alguma fonte de rendimento, um emprego, essas coisas banais que garantem a possibilidade da banalidade (comer, vestir) do dia a dia – porque a França tem uma grande tradição de acolhimento mas, como diz a personagem de Daniel Gélin, “é um país capitalista, é preciso trabalhar para se ter dinheiro”. Ou, ainda, os momentos em que a distância a que estão do Chile (todo a introdução, o primeiro diálogo, é sobre isso, sobre a distância) serve de medida subitamente reveladora de uma impotência quanto à capacidade de efectivamente influenciar a política do seu país natal (“então, mas vocês acham que um chileno a fazer greve de fome em Paris vai ter um efeito decisivo sobre o vosso governo?”, pergunta alguém a que ninguém é capaz de responder cabalmente).

Estes exilados chilenos em Paris passam o tempo todo em reuniões e convívios aqui e ali, como se confirmassem que Paris é, como se diz na terminologia hemingwayana, “a movable feast” (“Paris é uma Festa”, ou um festim), só que sem festa nem festim. Apesar disso, ou justamente por causa disso, permanecem profundamente humanos, talvez as personagens mais humanas que um cineasta como Ruiz, tão atreito a transformar as presenças humanas em projecções de uma abstracção literária, alguma vez filmou. E apesar de todas barreiras levantadas para criar uma distância, ou também justamente por causa delas, é um dos filmes mais dilaceradamente pessoais de Raul Ruiz.

Luís Miguel Oliveira